

CLEPUL
em Revista

4

Junho de 2015

Celebrar as línguas e culturas eslavas

Há muito poucos anos atrás, a família das línguas e culturas eslavas, uma das mais antigas da Europa, era a menos conhecida no continente. Os países eslavos da Península Balcânica tinham o «privilegio» de ser os mais exóticos. Por exemplo, para muitos portugueses, a Bulgária era apenas o país que atravessavam a caminho da Grécia.

A Rússia era, e ainda é, o país tradicionalmente mais conhecido em Portugal. No entanto, há pouco tempo, uma senhora idosa de Lisboa, minha amiga, perguntou-me, inquieta: «Os russos já chegaram...?»

O muro de Berlim, símbolo da separação dos países entre o Bloco de Leste e os restantes países da Europa, foi destruído em 1989. Mas continuou a existir o muro dos estereótipos e dos preconceitos.

Na maioria das vezes, os países eslavos são

encarados em conjunto, destacando-se as semelhanças sem se considerar as diferenças. Se o protoeslavo constitui a origem das nossas línguas nacionais e permite uma certa compreensão mútua, baseada sobretudo nas semelhanças do vocabulário, desenvolvimentos históricos diferentes estão na origem de variações culturais e sociais bem claras. Por exemplo: a cristianização pelo Patriarcado de Constantinopla dos povos da Bulgária, Rússia, Sérvia e Macedónia; a escolha do rito latino por parte da Eslovénia, Croácia e Polónia; a adoção do alfabeto glagolítico e, mais tarde, do cirílico, por alguns países eslavos: Bulgária, Sérvia, Croácia e Rússia; o uso do alfabeto latino por outros países: Eslovénia, Polónia, República Checa e Eslováquia; a integração no Império Otomano: Bulgária, Macedónia e Sérvia ou no Império Austro-Húngaro: Eslo-

vénia, Croácia e República Checa; a instauração de um regime socialista de tipo estalinista na Bulgária; o desenvolvimento de uma forma de não-alinhamento por parte dos países da ex-Jugoslávia.

Hoje em dia, no seio da União Europeia, estamos a aprender a viver juntos na diferença. Cada um dos países eslavos membros da UE trouxe o seu passado para o presente da Europa.

Porém, o património cultural dos países eslavos pertenceu sempre à Europa.

É neste espírito que a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa dá abrigo a vários cursos de línguas e culturas eslavas.

O Centro de Estudos Eslavos, representado pelo seu Diretor, o Professor Doutor Gueorgui Hristovsky, propõe entre seis e oito níveis de ensino de línguas eslavas e outras cadeiras como Literaturas Eslavas e Introdução

à Linguística Eslava. O Centro organiza aulas abertas, conferências, leituras de poesia, jornadas de linguística eslava, e ainda uma festa de final de ano. Um dos eventos que vai ter lugar pela segunda vez é a celebração do Dia da educação e da cultura búlgaras e da escrita eslava.

Durante os séculos IX-X, a escrita eslava e as traduções dos livros sagrados do grego litúrgico para o eslavo da região de Salónica lançaram as bases da cristianização dos países da Europa do Sudeste e mais tarde da Rússia. Nasceu a «Eslávia Ortodoxa».

O primeiro alfabeto eslavo, o glagolítico, foi criado na segunda metade do século IX pelos dois irmãos Cirilo e Metódio, que ocupavam altas funções na corte bizantina. Foi na Grande Morávia que o novo alfabeto e os primeiros livros sagrados em esla-

vónico foram divulgados com o objetivo de cristianizar o povo pela igreja de Constantinopla.

Em 869, na igreja «Santa Maria Majore», em Roma, o Papa Adriano II efetuou a bênção solene do alfabeto eslavo (o glagolítico) e dos textos litúrgicos, reconhecendo assim o eslavónico eclesiástico como a terceira língua europeia em que se podia louvar a Deus.

Em 886, o alfabeto glagolítico e os livros sagrados foram divulgados no território do Primeiro Reino Búlgaro, pelos discípulos dos santos Cirilo e Metódio. Progressivamente, no decorrer dos trabalhos de tradução e de divulgação da nova escrita, foi criado um novo alfabeto, o cirílico (em honra do santo Cirilo), mais acessível e mais próximo dos alfabetos existentes na Europa.

A missão dos dois santos estudiosos na Grande

Morávia, mesmo sem ter atingido os objetivos de Constantinopla, marca o início das literaturas checa e eslovaca.

Na Bulgária, graças aos livros sagrados, escritos em búlgaro antigo (eslavónico eclesiástico), a nova religião tornou-se acessível ao povo. Numa outra perspectiva, a escrita eslava contribuiu para a independência da igreja búlgara em relação à igreja bizantina.

O alfabeto cirílico e os livros litúrgicos traduzidos na Bulgária estimularam o processo de cristianização da Sérvia e da Rússia e o desenvolvimento das respetivas culturas nacionais.

Celebrar o Dia dos santos Cirilo e Metódio representa um reconhecimento do contributo da sua obra para a diversidade cultural da Europa. **Zlatka Timonova**

[Publicado no jornal *Público*, 23 de Maio de 2015.]

Dois convites, um destino: a Literatura Portuguesa

A Literatura Portuguesa é um dos meus portos seguros. A estudante apaixonada pelas cantigas de amor e de amigo e por Gil Vicente que eu fui, cresceu, estudou, formou-se na pós-graduação (Mestrado e Doutorado) na Universidade de São Paulo e se transformou desde 2006 em professora de Literaturas de Língua Portuguesa.

Sou brasileira e portuguesa, nos meus documentos e na minha vida também, e em 2010 comecei a sonhar com livros que falassem sobre Literatura Portuguesa numa linguagem solta e interessante, coisa que não havia encontrado em meus manuais escolares quando estava nos ciclos fundamentais e muito nas séries finais (no Brasil, como em Portugal, a escolarização básica é realizada em 12 anos).

Foi assim que, com o acolhimento da Editora Peirópolis, de São Paulo, publiquei meu primeiro livro de ensaios desti-

nado a jovens leitores, *Convite à navegação, uma conversa sobre literatura portuguesa*. Nele, conversava livremente sobre os primeiros séculos da língua e da literatura portuguesa, tendo sempre como horizonte os interesses que sentia muito vivos em meus alunos.

Convite à navegação, uma conversa sobre literatura portuguesa é um percurso pelas origens, terminando em Luís de Camões, mas com laçadas para o presente, para as obras que fazem sentido para os leitores brasileiros de hoje, tendo Gil Vicente, Fernando Pessoa e José Saramago na “linha de frente”.

Para esta viagem foi muito importante a parceria com a ilustradora brasileira Silvia Amstalden, que leu o texto e a partir dele criou imagens que me emocionam a cada vez que abro o livro.

O belo livro, editado em duas cores (a escolha emula o tom da azuleja-

ria tradicional), deixava somente para nós, que havíamos visto as ilustrações originais, a fruição da beleza das quatro cores em que originalmente elas tinham sido concebidas. E seu poder de evocação era tão intenso, que pensamos em fazer um livro para crianças com a mesma temática.

Então partimos para um projeto que era o contrário do anterior: para o livro que se chamaria *De onde vem o português?* eu partiria das imagens já criadas para elaborar um novo texto, que eu o desejava poético, musical e belo, capaz de despertar o interesse pela língua e pela literatura portuguesas em leitores a partir dos 8 anos de idade.

Os passos percorridos em ambos os livros seriam os mesmos: caminhos por uma Península Ibérica ainda feudal que define fronteiras; os documentos mais antigos encontrados, em latim; o início da literatura que, lindamente, apa-

rece em cantigas escritas em galego-português; as crônicas históricas e Fernão Lopes; o surgimento do teatro na península e o português Gil Vicente e, finalmente, Camões, o poeta dos “erros meus, má fortuna, amor ardente” e maior poeta épico da língua portuguesa, enfim consolidada. No entanto, se o percurso dos dois livros deveria ser semelhante, o foco em *De onde vem o português?* seria diverso.

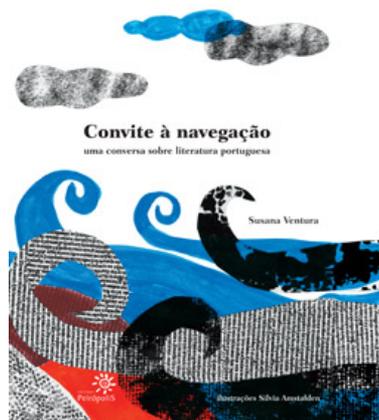
Agora, em junho de 2015, com o lançamento de *De onde vem o português?* temos os dois livros. Em *Convite à navegação*, obra para leitores autônomos, estão dados precisos, notas de apoio, citações de obras. Em *De onde vem o português?*, a visada é mais humana, projetada pensando em contar às crianças sobre os homens, mulheres e crianças que viveram o processo de formação do território, as mudanças da língua, as alterações no modo de ver a vida, o trabalho e o amor naquela terra junto do mar.

O livro para pequenos tem em seu cerne uma lista de nomes, homenagem a José Saramago que, em muitos de seus romances, como *Memorial do Convento* e *História do cerco de Lisboa*, colocava nomes próprios das pessoas do tempo e do lugar onde se passava a ação, apontando para a humanidade anônima mas que constrói verdadeiramente o mundo. Porque a Literatura, este sonho acordado das civilizações, nas palavras mágicas do professor mineiro Antonio Candido, nasce também daí, do desejo de eternizar o humano, de contar sobre a vida e de falar sobre o que nos vai por dentro.

De onde vem o português? caminha na mesma direção apontada por *Convite à navegação*, mas, como anda acompanhando crianças, repara em outras coisas, aponta para a paisagem. Quando é possível fala de amor, cheira as flores, navega nas embarcações, observa o mar, pergunta sobre tudo o que não parece importante mas

é, de verdade.

Para os adultos – ou pessoas crescidas, se estivermos em Portugal – que forem trabalhar com crianças em *De onde vem o português?* sugiro ler primeiro *Convite à navegação* e consultar o material para professores disponível no sítio da editora (www.editorapeiropolis.com.br).



Importante é ressaltar que o projeto que compreende os dois livros foi gestado em várias etapas: composição de texto que foi pensado depois em imagens e projeto gráfico e, numa fase posterior, as imagens foram as condutoras para a composição do texto

destinado às crianças, sendo que, por sua vez, o novo conjunto teve diverso tratamento em termos de projeto gráfico. Desta maneira, os dois livros possibilitam diversas abordagens: *De onde vem o português?*, livro para crianças, pode receber uma primeira leitura só de suas imagens (e pode-se mesmo ficar somente com essa leitura). Em ambas as opções, a oralização de seu texto pelo leitor adulto que acompanha o jovem leitor é bem vinda e a negociação de sentidos

entre o que a criança lê nas imagens e o que o adulto propõe é desejada.

Os dois livros são convites para uma viagem, que é ao mesmo tempo igual e diversa, porque vivida por leitores em fases diferentes da vida e da sua experiência de mundo. **Susana Ventura**

Referências:

VENTURA, Susana, *Convite à navegação, uma conversa sobre literatura portuguesa*, São Paulo, Peirópolis, 2012; *De onde*

vem o português?, São Paulo, Peirópolis, 2015.



Dora Nunes Gago, *Travessias. Contos Migratórios*, Viseu, Edições Esgotadas, 2014

Numa era marcada pela globalização, pelas trocas capitalistas e por fluxos migratórios transnacionais, Dora Gago traz-nos um surpreendente e lúcido livro de contos com o título de *Travessias. Contos Migratórios*. Autora de cinco livros de ficção e um de poesia, este seu último, publicado em 2014, configura-se como

um amplo mosaico geográfico abarcando três continentes. Decerto, estas viagens, migrações, transposições de fronteiras terão como fonte de inspiração elementos biográficos derivados das próprias travessias pessoais da autora. Mas aqui a biografia não é mais que um lugar que transporta a geografia para um outro,

mais íntimo e profundo, dentro de si mesma, que lhe permite a sensibilidade de uma escrita humana, preocupada com o social. Neste sentido, este livro de doze contos é também ele um mosaico da condição social do ser humano.

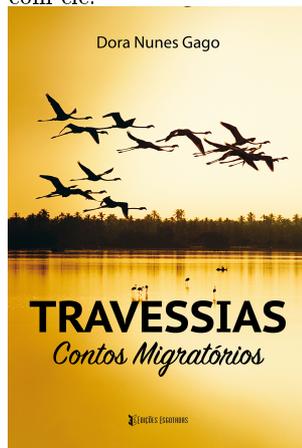
Nele encontramos personagens – na sua maioria femininas, mas não só – desfavorecidas econo-

micamente, cuja forma de subsistir consiste em usar a sua aparente bela voz a cantar em autocarros. Tal é caso de Mariana, estudante de Antropologia em Montevideu, filha de uma família pobre do interior do país, que se deixa seduzir por um estrangeiro que lhe promete a fama e uma carreira brilhante se esta o acompanhar a Barcelona a fim de gravar um CD. O seu destino é com certeza o de muitos que se deixam cegamente aliciar na esperança de uma vida melhor e no cumprimento dos seus sonhos. Por vezes, os resultados encontram-se para além da imaginação. A música perpassa ainda outros contos, como é o caso de “De música e magia”, de índole diferente do anterior, mas em que a necessidade de emigração para conquistar um sonho é nota fundamental. E, se o sonho se cumpre, as condições económicas mantêm-se. Mas a vida, como a retrata Dora, às vezes paga com

momentos mágicos, tecidos da matéria dos sonhos, irrepetíveis e capazes de produzir união através da solidariedade entre os seres humanos. Nos contos de Dora Nunes, o leitor atravessa vários lugares distantes entre si no espaço, atravessa fronteiras reais e imaginárias, mas nessa travessia algo permanece estável, a perturbação de algo óbvio, mas que muitas vezes se esquece, a própria condição de se ser humano. Apesar do espaço que cada ser humano habita a sua natureza e vivência elementar repete-se pelos quatro cantos do mundo: sofrimentos, preocupações, humilhações, conflitos, traições, perdas, tragédias, enganos... tudo isto e muito mais, não sem deixar, como nos transmitem os contos de Dora, de perder a esperança e a ilusão de um mundo e futuro melhores para todos.

E é a solidariedade no fundo que perpassa todos os seus contos, como

um fio que os une, alertando o leitor para a sua necessidade se quiser habitar um mundo em que cada vez mais sonhos se concretizam e não apenas a sua vã esperança. Num mundo contemporâneo em que cada vez mais as travessias fazem parte da vida de cada um, é necessário que não as façamos cortando apenas os limites geográficos mas os limites do próprio ser, identificando-nos com ele.



O último conto, “Átropos”, conta-nos a história de uma personagem feminina cuja vida foi marcada pela invisibilidade. Tal como a maio-

ria das suas personagens que, de um modo ou outro, se encontram estigmatizadas pela invisibilidade da sociedade que as rodeia, a deste último conto é uma mulher trabalhadora e honesta – valores que hoje em dia se encontram relegadas para os campos da História ou da ficção (p. 127) – cuja luta para ter algum reconhe-

cimento na carreira literária parece ser em vão: «Publicara até à data quatro livros que pareciam ter o verdadeiro dom da invisibilidade: ninguém os vira, ninguém os comprara, ninguém os lera, ninguém os criticara, eram meros fantasmas que habitavam as prateleiras mais recônditas de raras livrarias» (p. 120). É apenas

quando se torna *Átropos* e se encontra «um lugar, além-tempo e além-vida, no seio de uma etérea tranquilidade» (p. 132) que a esperança advém. Decerto que os livros de Dora Nunes Gago estão vivos e que merecem ser lidos, criticados e aplaudidos antes que chegue a nossa última travessia.
Sandra I. Sousa

Regina Capelo, *Estrés, coping y autoeficácia – Estresores más frecuentes y estrategias personales para mejorar el bienestar docente*, Saarbrücken, Publicia, 2014

Hoy existe evidencia teórica y empírica de que las situaciones de estrés profesional interfieren en la salud y en el bienestar de los trabajadores. Por lo tanto, cuando las exigencias del trabajo exceden los recursos, deseos y capacidades de las personas, el estrés aparece. Aunque es un problema global, que tiene sus raíces en las características de la vida cotidiana, los profesores surgen como un grupo profesional con niveles elevados de estrés. Para hacer frente a la realidad laboral, los

profesores necesitan tener control sobre el curso de su vida y creer en su capacidad de operar en el ámbito personal y profesional en las diferentes circunstancias. Además, este libro ofrece la perspectiva de los profesores sobre los estresores laborales más frecuentes y las estrategias personales que utilizan para optimizar el bienestar. Asimismo sugiere la capacidad predictiva del coping cuando, al mismo tiempo, se articula las variables sociodemográficas y profesionales y la

variable moderadora autoeficacia, en estrés docente, pero que su mensaje interesa a los gestores de recursos humanos, organizaciones educativas y, especialmente, a profesores.



João Maurício Brás, *Identidade, Valores, Modernidade – O Pensamento de Onésimo Teotónio Almeida*, Lisboa, Gradiva, 2015

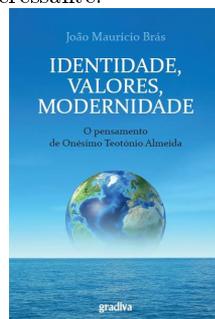
O sucesso de Onésimo Teotónio Almeida como autor de ensaios certeiros e bem-humorados sobre o Portugal cultural e social tem escondido, junto do público menos informado sobre o seu percurso, o brilho da sua carreira académica nos EUA e no mundo. Onésimo é um pensador com uma obra notável no domínio da filosofia. Este livro traduz-se numa excelente oportunidade para conhecer essa obra, um caso singular e original no panorama cultural português.

Onésimo Teotónio Almeida é doutorado em

Filosofia pela Universidade de Brown e professor catedrático da mesma universidade. Sendo autor de diversos livros, destaca-se sobretudo por ser um pensador, constituindo a sua obra um caso singular e original no panorama cultural português. As suas reflexões sobre temas como a identidade, os valores, a modernidade e a pós-modernidade têm servido de base a inúmeros textos.

De acordo com o autor, João Maurício Brás, conhecer a obra de Onésimo Teotónio Almeida foi uma descoberta sur-

preendente e um enorme desafio. E é o resultado dessa descoberta, que capta e apresenta o essencial do pensamento do reconhecido académico, que partilha aqui neste livro abrangente e profundo. Abordando vários temas, é uma obra tão empolgante quanto interessante.



Ana Nascimento Piedade, *Em Diálogo com Eduardo Lourenço*, Lisboa, Gradiva, 2015

Em Diálogo com Eduardo Lourenço é, como o título indica, um livro baseado numa conversa. Uma longa, ampla e interessante conversa que atravessa vários temas e

permite conhecer melhor um dos mais importantes pensadores da actualidade. O interesse suscitado, tanto pela obra como pela pessoa de Eduardo Lourenço, jus-

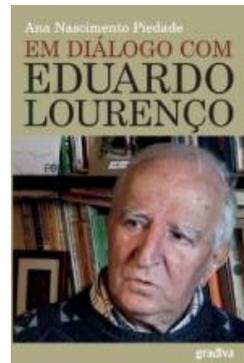
tifica a publicação deste livro, que aborda ambos. Apresentado em formato de diálogo, permite ao leitor «escutar» o que Eduardo Lourenço refere sobre «o que merece

ser pensado e mesmo o que não merece ser pensado».

Trata-se de um livro num tom coloquial, que mostra bem a vivacidade do pensamento do entrevistado, conversador admirável e revelador de uma vastíssima cultura. Os pontos de vista que apresenta são abrangentes e, frequentemente,

originais, tornando a leitura interessante e acelerada.

Tendo optado por manter, tanto quanto possível, as inúmeras marcas de oralidade no texto, a autora procurou preservar ao máximo a genuinidade e o improviso criativo das intervenções de Eduardo Lourenço.



José Eduardo Franco, Paulo Mendes Pinto e Alexandre Honrado, *Francisco nome de santo. Francisco de Assis / Francisco Xavier / Papa Francisco*, Lisboa, Bertrand Editora, 2015

Interpretando a vontade de milhões de fiéis em todo o mundo, o novo Papa, cujo nome de batismo é Jorge Mario Bergoglio, operou, desde a primeira hora da sua eleição, mudanças simbólicas e efetivas, que foi reforçando ao longo dos últimos dois anos de um pontificado enérgico. Francisco, o 266.º Papa da Igreja Católica e atual chefe de estado do Vaticano, sucedendo ao Papa Bento XVI, que tinha abdicado do papado em 28 de Fevereiro de 2013, escolheu um nome carismá-

tico, que era o de Francisco de Assis, símbolo universal da imitação de Cristo, da bondade, da humildade e da preocupação com os outros, e que era também o nome de Francisco Xavier, figura maior da Ordem que sempre o acolheu, pois pertence à Ordem dos Jesuítas. Este livro que cruza, com traços biográficos, as figuras do santo de Assis, do santo jesuíta e do homem santo que se entende na figura de um papa singular. Numa linguagem herdeira daquela que se fala nas

universidades, mas no tom coloquial que nos permite aprender com imenso prazer detalhes e revelações, *Francisco, Nome de Santo* é um livro que, diríamos, obri-



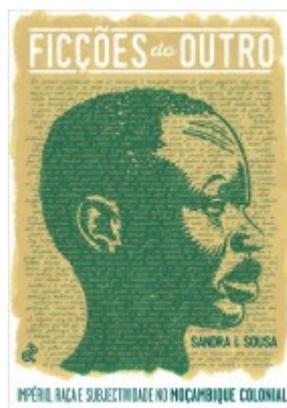
**Sandra I. Sousa, *Ficções do Outro. Império, Raça e Subjectividade no Moçambique Colonial*,
Lisboa, Esfera do Caos, 2015**

Foi o império colonial português muito diferente dos seus congéneres? Foram as práticas coloniais portuguesas menos racistas em África? Serão válidas certas teorias lusotropicalistas que ainda hoje invadem o imaginário colectivo português? Este livro desbrava caminhos para a compreensão destas questões através da análise da literatura que na época se produziu e que o Estado Novo incentivava. Esta obra traz à luz um corpo de narrativas a que foram atri-

buidos prémios literários pela Agência Geral das Colónias durante a longa ditadura salazarista e que têm sido esquecidas ou negligenciadas pela maior parte dos que se debruçam sobre o estudo do Império colonial português em África.

Estabelecendo nexos entre História e ficção, a autora mostra que estas obras literárias abrem novas perspectivas para se pensar a presença portuguesa em África e, mais especificamente, em Moçambique, em grande medida porque

reflectem a promoção de ideologias de racismo e de práticas sociais e raciais institucionalizadas pelo Estado Novo durante o período colonial.



José Eduardo Franco e Paulo Rocha, *Alberto João Jardim na Primeira Pessoa Vida, trajeto, obra e autoavaliação em grande entrevista*, Lisboa, Gradiva, 2015

É pouco afirmar que Alberto João Jardim deixou uma marca inapagável e transformadora na história dos quase 600 anos de povoamento do arquipélago madeirense.

Haverá uma história da Madeira antes e depois de Alberto João. [...] Acima de tudo, Alberto João Jardim ficará na memória colectiva da opinião pública

e no meio político português da democracia contemporânea fundamentalmente como uma voz dissonante. Popular é e ficará popular para muitos, especialmente para

o povo simples que aprecia políticos «sem papas na língua», e valoriza um presidente do governo que conversa, convive e festeja com todos, querendo escutar diretamente os problemas da boca das pessoas e muitas vezes garantindo imediatamente a solução a dar, numa espécie de democracia em direto. Contudo, é um político receado e até detestado por alguns setores das elites políticas e intelectuais devido às suscetibilidades criadas pelo seu estilo de liderança. A imagem estereotipada que tem sido cristalizada a partir da forma provocadora de lidar com os jornalistas, de afrontar os seus críticos e de discursar em registo de campanha eleitoral tornou-se dominante nos juízos correntes sobre Alberto João Jardim entre as elites continentais. Esta imagem negativa, que acende muitas críticas,

contrasta com a percepção muito diferente com que se fica de Alberto João Jardim em situações e ambientes sociais e culturais, onde a mais conhecida postura combativa deste líder, defensor estrénuo da Madeira contra todos os seus inimigos, que não tem pejo em nomear e caracterizar de forma veemente, dá lugar ao perfil do *gentleman*, culto, simpático, acolhedor e com grande sentido de humor. Quem conhece os dois lados desta personalidade fica desconcertado com o contraste impressionante entre o Alberto João Jardim dos comícios e das respostas agressivas a alguns jornalistas do Continente e da Madeira e o Presidente do Governo a discursar em congressos científicos e culturais, falando com saber, ponderação e reflexões estimulantes para médicos, historiadores, engenheiros, arquitetos, etc. Parecem

duas personalidades diferentes, mas na verdade são dois estilos exercitados para serem adequados a diferentes situações e públicos.

O líder madeirense é, pois, uma das figuras mais polémicas, mais desconcertantes e mais peculiares da história da democracia portuguesa dos últimos 40 anos. Por isso, mais do que a marca material deixada pela sua longa governação, ficará na história política como uma personalidade incontornável enquanto caso de estudo que merecerá a atenção dos cientistas políticos.



Roberto E. Zwetsch, *Flor de Maio. Poemas*, São Paulo, Nhanduti Editora, 2014

Os poemas desta coletânea de Roberto Zwetsch não devem apenas ser lidos; devem, também, ser saboreados na sua polpa exterior, e na sua polpa interior. A simplicidade de vida do poeta, sua corajosa opção pelos indígenas, obrigou-o, em várias ocasiões, a ser mais orante do que falante. Que elogio mais discreto se poderia fazer a esse poeta?

A poesia de Zwetsch é comparável a uma criada anônima e elegante da Teologia. Ela se apresenta portadora de um vaso de alabastro, em cujo bojo se oculta o Mistério. Este mantém-se à espreita de cada palavra e, sobretudo, de cada silêncio, verdadeiramente vivenciados pelas pessoas, tanto em lábios puros como em lábios impuros.

Em determinados momentos, é visível e audível a expressão literária de seus versos. Por exemplo, Democracia: A palavra de outro / Escutada / E erguida como sinal; ou «Até Quando, Senhor» (no qual a corda do coração ferido do autor vibra, à semelhança de um violão a chorar num galpão onde à noite só dormem mendigos e cães...).

Sim, caro poeta: animamos encontrar em teu livro poemas de Esperança evangélica como «Páscoa, Travessia»! Desse poema realço em especial os magníficos versos: «Como o voo esplêndido da garça branca / sob o céu azul da compaixão de Deus». É uma imagem tocante da ternura divina.

Se alguém desejar descobrir o ideal poético de

Roberto Zwetsch, medite sobre os versos que ele se digna oferecer-nos (maças apanhadas num pomar nas quais ainda cintila o orvalho que as cobriu de madrugada):

Título: Como alcançar o céu / ignorando o cheiro da terra?

Título: Se se cala a Voz do Vento / o que se ouvirá na canção?

[Apresentação escrita pelo Prof. Doutor Armando Trevisan.]



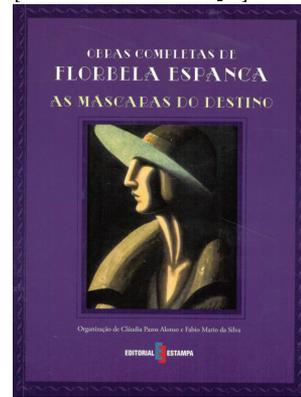
Florbela Espanca, *As Máscaras do Destino*, organização, fixação crítica dos textos e notas de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva, Lisboa, Editorial Estampa, 2015

Se a carta de Lord Byron à irmã é por excelência o texto do amor incestuoso, esse amor entre iguais que, diz ele, o tornou incapaz de ligar-se a outro ser humano, a dedicatória de *As Máscaras do Destino* em que Florbela evoca o irmão morto só não terá causado desconforto porque tanto ela como os seus leitores desviaram os olhos do fulgor negro desse sentimento. Este livro procura orientar-se entre arrogância e dor, do que resulta uma visível dilaceração. Por

traduzir romances sentimentais franceses, Florbela adquiriu alguma competência para as encenações sofisticadas. Atraem-na os ambientes da alta burguesia, da intelectualidade nos seus clubes. Há aquele excesso de jardins e de adjectivos que denunciam uma fraca literatura. Mas as páginas brilham quando nelas incide a luz alentejana e, por extensão, a luz de outras paisagens. Um trabalho de transfiguração, que é o grande trabalho da poesia, levanta-

-se em defesa desta obra como um irrefutável argumento. **Hélia Correia**

[Texto da contracapa]



José Eduardo Franco e João Paulo Oliveira e Costa (dir.), *Diocese do Funchal. A primeira diocese global. História, Cultura e Espiritualidades*, Lisboa, Esfera do Caos, 2 vols., 2015

A Diocese do Funchal foi a primeira diocese portuguesa da Igreja Católica instituída fora da Europa, na sequência das viagens marítimas de descoberta que potenciaram a experiência

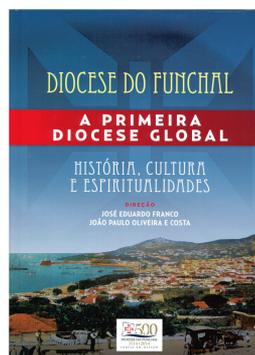
da globalização. Esta diocese pioneira, que se estruturou no contexto da expansão portuguesa, foi erigida na capital do Arquipélago da Madeira o primeiro território ultramarino a ser desco-

berto oficialmente pelos portugueses.

Sediada num dos pontos gravitacionais do processo de globalização comercial, cultural e religiosa em curso, a Madeira afirmar-se-ia

como um ponto nevrálgico do concomitante processo de universalização do Cristianismo que as viagens de descoberta, pelo territórios africanos, asiáticos e americanos, proporcionaram à Cristandade europeia. É a riquíssima história da Diocese do Funchal, enquanto instituição e

polo de estruturação religiosa, social e cultural de um povo insular que cruza a sua história com a história de outros povos, que foi constituída como objecto de estudo multidisciplinar em sede de congresso internacional, cujos resultados agora se publicam em livro.



Rogério Luiz de Souza, *A Ética Católica e o Capitalismo de Bem-Estar Social*, Lisboa, Esfera do Caos, 2015

Max Weber escreveu uma obra marcante, intitulada *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, na qual defende a tese de que a ética e as ideias do protestantismo – por oposição ao catolicismo – influenciaram acentuadamente o desenvolvimento do capitalismo pelos comportamentos que incentivavam ou promoviam. Neste livro Rogério Luiz de Sousa defende uma tese similar, mas com mudança de paradigma: a ética e as ideias do catolicismo podem influenciar decisivamente a renovação do capitalismo.

www.clepul.eu

Esta obra resulta de uma investigação que lança luz sobre a realidade socioeconómica inaugurada a partir da segunda metade do século XX, mostrando a influência e a atuação da Igreja católica na reorganização do sistema económico capitalista e na reforma dos espaços e das condutas sociais após os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Particularmente centrada no Brasil, não deixa, contudo, de analisar o contexto mundial, já que o autor perspetiva a relação existente entre uma certa forma

de conduta económica no pós-guerra e as suas raízes católicas, ressaltando a força interventora da Igreja católica no meio político-social com vista ao desenvolvimento económico e à solidariedade. Ao projetar uma linha de pensamento e de ação, esta instituição religiosa estabeleceu valores ético-sociais que afirmaram um ideal reformador e disciplinar da sociedade e que estimularam a constituição de um Estado intervencionista centrado no bem-estar social.

Julieta Monginho, *Os Filhos de K.*, Lisboa, Teodolito, 2015

Julieta Monginho é uma escritora consagrada, que já nos brindou com obras primorosas como *Juízo Perfeito* (1996), *A Paixão segundo os Infiéis* (1998), *À Tua Espera* (2000) – Prémio Máxima de Literatura –, *Dicionário dos Livros Sensíveis* (2000), *Onde está J.?* (2002), *A Construção da Noite* (2005), *A Terceira Mãe* (2008) – Grande Prémio de Romance e Novela da APE –, *António, Maria* (2010), *Metade Maior* (2012) e agora *Os Filhos de K.* (2015), uma obra de grande riqueza imaginística, semântica, lexical com forte pendor irónico, que bem merece vir a ser objecto de uma tese em Literatura Comparada. O romance revela uma cultura literária de altíssimo nível, expressa na intertextualidade com vultos canónicos da literatura ocidental, sob forma alusiva, citacional ou referencial e, sobretudo, pelo *crossover* com a obra de Kafka, especialmente *O Processo*,

com o qual mantém permanente interacção. O romance *Os Filhos de K* ostenta no título o grafismo da assinatura deste escritor. Repare-se que este grafismo sugere a imagem de um cão. Nada disto é inocente nas mãos atentas de Julieta Monginho. Recordo as últimas frases d'*O Processo*, referindo-se à forma como foi morto Josef K.: “– Como um cão! – disse. Era como se a vergonha devesse sobreviver-lhe.” Recordo ainda o conto de Kafka *Investigações de um Cão*, que se inicia deste modo: “Como a minha vida mudou, e no entanto como se manteve imutável no fundo!” Este primeiro parágrafo ajusta-se como luva a Carminho, a principal personagem feminina do romance de Julieta, a qual procura o olhar do célebre cão das ruínas de Pompeia, no momento em que este é visto por Francisco, no Museu do Prado, numa irónica duplicação das fugas deste personagem, colado à

imagem de Franz Kafka, na imaginação da mulher. O entretcho ficcional apoia-se em três narradores que sucessivamente vão tomando a palavra, comentando ou completando pontos de vista expendidos pelos restantes. São eles Carminho, magistrada exercendo funções num Tribunal de Lisboa; Francisco, um ex-magistrado que desertou da carreira e se passeia pelo mundo deixando uma prole verdadeiramente fora do comum, cujo segredo o leitor vai descobrir apenas no final do romance; Carlito um jovem escritor a quem Carminho pede um final feliz na narrativa da sua vida. *Os Filhos de K.* totalizam 85 trechos, sendo 33 assinados por Carminho, 31 por Francisco e 21 por Carlito, que sabe muito sobre os outros, mas bastante menos de si próprio. **Teresa Martins Marques** [Da apresentação no Porto, em 19 de Junho de 2015.]

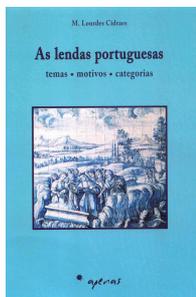
LANÇAMENTOS

11 de Junho

Auditório Armando Guebuza, Universidade Lusófona – *Francisco de nome de santo*, de José Eduardo Franco, Paulo Mendes Pinto e Alexandre Honrado, apresentado por Hermínio Rico, sj e pelo Frei Fernando Ventura

12 de Junho

Auditório da Biblioteca Nacional de Portugal – *As Lendas de Portugal. Temas. Motivos. Categorias*, de M. Lourdes Cidraes, apresentado por João David Pinto-Correia

**13 de Junho**

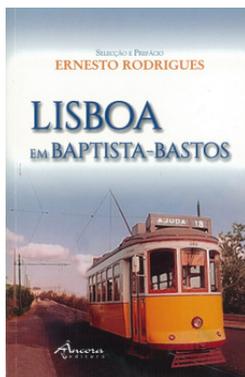
Feira do Livro, Pavilhão da Âncora Editora – presença de Teresa Martins Marques, Ernesto Rodrigues e investigadores editados, ou apoiados, pelo CLEPUL
www.clepul.eu

15 de Junho

Galeria Fernando Pessoa, Centro Nacional de Cultura – *Em Diálogo com Eduardo Lourenço*, de Ana Nascimento Piedade, apresentado por Guilherme d'Oliveira Martins e com a presença de Eduardo Lourenço

15 de Junho

Sala do Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa – *Lisboa em Baptista-Bastos*, de Ernesto Rodrigues, com apresentação deste

**24 de Junho**

Auditório da Reitoria da Universidade da Madeira – *Estrés, coping y autoeficácia – Estresores más frecuentes y estrategias personales para*

mejorar el bienestar docente, de Regina Capelo, apresentado por Miguel Albuquerque

25 de Junho

Auditório da FLAD – *Ficções do Outro. Império, Raça e Subjectividade no Moçambique Colonial*, de Sandra I. Sousa, apresentado por Leonor Simas-Almeida e Miguel Bandeira Jerónimo

26 de Junho

Auditório da Biblioteca Nacional de Portugal – *Identidade, Valores, Modernidade. O pensamento de Onésimo Teotónio Almeida*, de João Maurício Brás

3 de Julho

Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – *Flor de Maio. Poemas*, de Roberto E. Zwetsch, apresentado por Marcelo Ramos Saldanha

8 de Julho

Casa-Museu Medeiros e Almeida – *A Matéria dos Sonhos*, de Helena Malheiro, apresentado por Isabel Roboredo Seara e leituras por Pedro Paixão

SEMINÁRIOS [à Hora do Almoço]

3 de Junho

Sessão LXVI: Solange Fiuza Yokosawa, “João Cabral e a tradição poética portuguesa”

11 de Junho

Sessão LXVII: Pedro Albuquerque, “Reconfigurações das paisagens míticas n’*Os Lusíadas*, de Camões”

17 de Junho

Sessão LXVIII: Nuno Amado, “O epicurismo triste de Ricardo Reis”

1 de Julho

Sessão LXIX: Giacomo Sini, “Diferenças linguísticas entre o português europeu e o português de Moçambique”

15 de Julho

Sessão LXX: Fabio Mario da Silva, “Critérios

da edição e fixação de um texto do século XVI. O caso de Soror Maria de Mesquita Pimentel”

22 de Julho

Sessão LXXI: Flávio Garcia, “As controversas teorias da manifestação do insólito nos mundos possíveis da ficção miacoutiana”

CONFERÊNCIAS

30 de Maio

Casino Estoril: Novas Conferências do Casino, sessão subordinada ao tema “Nós portugueses”, com a participação de Luís Salgado de Matos e Luís Filipe Barreto e a coordenação a cargo de Amadeu Prado de Lacerda

3 de Junho

Faculdade de Letras da Universidade Autónoma de Barcelona: José Eduardo Franco participou, juntamente com Enrique Garcia Hernán, Ignasi Fernández Terri-

cabras e Michel Boeglin, na mesa dedicada às “Ortodoxias y heterodoxias religiosas. Las terceras vías”

4 de Junho

Casa-Museu Guerra Junqueiro: I Jornadas de Arte e Memória: Coleccionadores, Coleções e Casas-Museu

5 de Junho

Escola Superior de Tecnologias e Artes de Lisboa: Pedro Sena Nunes, “DANCE FILM and TILTED FRAME”, iniciativa integrada no ciclo GECAPA Talks

5 de Junho

Sociedade Histórica da Independência de Portugal: Fernando de Moraes Gebrá, “Os mitos de *Orpheu*”

12 de Junho

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: José Eduardo Franco, juntamente com Paulo Mota Lourenço, participou na iniciativa “Papel das Organizações Sociais na Felicidade, através do Voluntariado e das Relações Intergeracionais, na Arte e Cultura da Europa e Lusofonia”

12 de Junho

RTP2 – participação de Isabel Ponce de Leão, juntamente com Rui Aguiar, Francisco Laranjo, Fausto Neves e Vasco Magalhães e a moderação de Rui Pego, no programa 1989 – Ciclos e Movimentos, dedicado à temática “Os media e a sociedade: o poder está nas nossas mãos?”

16 de Junho

Escola Superior de Tecnologias e Artes de Lisboa: “Artist Talk – MAsTerclass: DANCE DOCS & DANCE FILMS”, por Mark Freeman, iniciativa promovida pelo GECAPA

16 de Junho

Casa Nossa Senhora das Dores, Fátima: José Eduardo Franco, “História da Vida Consagrada em Portugal e seu contributo para a identidade do país”, conferência apresentada nas Jornadas Pastorais do Episcopado dedicadas

ao tema “Ano da Vida Consagrada”

22 de Junho

Livraria Ferin: Sessão: “Camilo – O Homem e o Escritor”, com a participação de Ernesto Rodrigues (“Camilo poeta”), João Bigotte Chorrão (“Camilo do homem à obra”), José Manuel Mendes (“Leituras Camilianas”) e Margarida Braga Neves (“Camilo e os jovens”) e a moderação de Luís Machado

24 de Junho

Sala de Conferências do CEIS20: Isabel Baltazar, “A Europa na diplomacia portuguesa. Uma visão comparativa pós-guerras”, apresentada no âmbito do 2º Encontro na Diferença. Investigações de Pós-Doutoramento no CEIS20

25 de Junho

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa: Jorge Mangorinha, “Ao Encontro da Paz: topologia de

uma ideia de musealização do turismo em Portugal”, apresentada na Conferência Internacional “Turismo, Lazer e Guerra”

27 de Junho

Largo de S. Marcos, Gaeiras: José Eduardo Franco e Jacinto Jardim participam na Conferência “O que é nosso tem valor”, promovida pela Câmara Municipal de Óbidos

30 de Junho

Casino Estoril: Novas Conferências do Casino, sessão subordinada ao tema “O belo como futuro”, com a participação de Daniel Tércio e Maria Manuel Baptista e a coordenação a cargo de António José Borges

9 de Julho

FNAC Colombo: J. Paiva Boléo-Tomé, “Ciência & Ética”, iniciativa integrada no ciclo “Academia(s) em Interface: cursos & etc.”, coordenado por Annabela Rita e Pedro Saraiva

25 de Junho

Auditório da Biblioteca Nacional de Portugal: Rui Sousa, “Entre as biografias e o desassossego: considerações sobre o génio e a identidade em Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa”, iniciativa integrada no ciclo de conferências Tópicos Pessoaos organizadas no âmbito do projecto de investigação *Estranhar Pessoa*

As complexas relações entre Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes motivaram, desde o seu primeiro encontro comum nas páginas de *A Águia*, em 1912, uma série de leituras, por via das quais os dois poetas foram alvo de sucessivos gestos de aproximação e de distanciamento, considerados expressões incompatíveis de duas vertentes da Literatura Portuguesa ou responsáveis pelo desenvolvimento de reacções nos percursos autorais um do outro, lidos como precursores críticos de poetas subsequentes de gerações distintas. Nesta comunicação, não nos concentraremos particularmente nesse percurso crítico, nem no momento que continua a ser projectado como o mais relevante núcleo das aproximações e distanciamentos entre Pessoa e Pascoaes: aquele que conduziu à ruptura

do primeiro face ao segundo, culminando no afastamento para com os órgãos da Renascença Portuguesa, e que teria estado tanto no percurso programático em que germinou *Orpheu* como, de acordo com António M. Feijó, na origem dos heterónimos pessoaos, em última análise reacções à concentração de uma série de escritores em torno de Pascoaes.

Procuraremos, antes, evidenciar como os discursos dos dois poetas a respeito da identidade passa, tanto por uma compreensão do delicado equilíbrio entre um centro coordenador e as múltiplas manifestações contraditórias que a partir dele se manifestam, como por um entendimento da excepcionalidade da figura do Poeta, mesmo quando entendido num sentido não meramente literário, como ocorre nos casos dos vultos biografados

por Pascoaes a partir de 1934. Concentrando-nos sobretudo em *O Bailado*, de 1921, em alguns pormenores das biografias pascoalinas (com especial atenção à culminante, *Santo Agostinho*, de 1945) e em alguns exemplos de reflexões pessoaas a respeito da heteronímia e da problemática do génio e da loucura, será nossa intenção perceber no seio dos diferentes percursos e mundividências aproximações entre os dois poetas que transcendem o contexto da década de 10 e que contrariam a tese de que as biografias correspondem a uma fase pós-pessoaana da obra de Pascoaes (para este debate, contaremos com os recentes contributos de Fernando Cabral Martins a respeito do *Livro do Desassossego* e de António Cândido Franco a respeito da obra em prosa do poeta amarantino).

Curso Livre
“Marcos do Pensamento no Século XX”
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Quintas-feiras, 18H00 às 20H00

I série

Outubro a Dezembro de 2015

Hannah ARENDT

Viriato Soromenho Marques e Margarida Amaral
8 e 15 de Outubro, sala 2.13

Vergílio FERREIRA

Leonel Ribeiro dos Santos
22 e 29 de Outubro, sala D. Pedro V

Paul RICOEUR

Carlos João Correia
5 e 12 de Novembro, sala D. Pedro V

René GIRARD

Manuel José do Carmo Ferreira
19 e 26 de Novembro, sala D. Pedro V

Eduardo LOURENÇO

José Eduardo Franco
3 e 10 de Dezembro, sala D. Pedro V

II série

Fevereiro a Abril de 2016

Zigmunt BAUMAN

Teresa Seruya
18 e 25 de Fevereiro

Gilles DELEUZE

José Miranda Justo
3 e 10 de Março

George STEINER

José Pedro Serra
17 e 31 de Março

Amartya SEN

Ana Paula Tavares
7 e 14 de Abril

Vandana SHIVA

M.^a Luísa Ribeiro Ferreira
21 e 28 de Abril

Razões justificativas da acção e a sua inserção no plano de actividades da entidade proponente:

O CFUL e o CLEPUL (área 1 – Literatura e Cultura Portuguesas) aliam-se à Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (SCUCP) na realização do presente Curso Livre, a fim de proporcionar a estudantes de 1.º, 2.º e 3.º Ciclos, e ao público culto em geral, o estudo da obra de destacados autores no panorama do pensamento no século XX. Faz parte dos objectivos de qualquer das três entidades envolvidas na iniciativa levar a cabo programas de alta divulgação no campo da cultura portuguesa, europeia e universal.

Objectivos do Curso:

Alargar e aprofundar o conhecimento da obra de grandes vultos no panorama mundial do pensamento do século XX. Treinar a leitura crítica de textos teóricos, em diálogo com especialistas na obra dos pensadores estudados.

O Último Dia do General Sem Medo
Centro de Estudos Bocageanos homenageou
Humberto Delgado na Extremadura espanhola

O Centro de Estudos Bocageanos (CEB) promoveu no passado dia 14 de Junho uma visita guiada a Badajoz, Olivença e Villanueva del Fresno, orientada pelo historiador Álvaro Arranja, que reconstituiu o dia do assassinato de Humberto Delgado, ocorrido há 50 anos.

A visita iniciou-se no centro histórico de Badajoz, junto ao antigo Hotel Simancas, onde Humberto Delgado e Arajaryr Campos, sua secretária, se encontravam alojados na véspera da sua morte.

Depois, bem perto dali, na Praça de Espanha, Álvaro Arranja recordou a Guerra Civil espa-

nhola, o apoio de Salazar a Franco e o massacre de Badajoz.

Junto à estação de correios de Badajoz, onde Delgado e Arajaryr enviaram os seus últimos postais, foi distribuído aos participantes um postal, editado pelo CEB, onde se reproduz em fac-símile um bilhete dali enviado por Humberto Delgado no derradeiro dia da sua vida.

Antes do almoço, houve ainda tempo para uma passagem pela estação ferroviária de Badajoz, onde o General se encontrou com o PIDE Ernesto Lopes Ramos.

À tarde, a visita guiada contemplou uma ida

ao local onde Delgado e Arajaryr foram assassinados pela PIDE, junto à estrada Badajoz-Olivença, em Los Almerines. E, depois de uma paragem em Olivença, a cuja causa Humberto Delgado se encontrava ligado, seguiu-se a ida ao local, próximo de Villanueva del Fresno, e assinalado com um monumento, onde a PIDE enterrou os corpos do General e da sua secretária. Aí se depuseram flores, numa homenagem do Centro de Estudos Bocageanos – presidido por Daniel Pires, membro do CLEPUL – a Humberto Delgado e Arajaryr Campos.



Torre de Dona Chama homenageia Ernesto Rodrigues

Ernesto Rodrigues (1956), autor do romance *Torre de Dona Chama* (1994), é homenageado no dia 28 de Junho, às 10,30h, na sua terra natal.

A sessão decorre no Salão Nobre do Quartel dos Bombeiros Voluntários, enquadrada nas comemorações do 26.º aniversário da eleva-

ção de Torre de Dona Chama a vila e do 728.º aniversário do primeiro foral concedido por D. Dinis.

A Academia de Letras de Trás-os-Montes, de que Ernesto Rodrigues foi primeiro presidente, dedicou a jornada de 13 de Dezembro de 2014, em Bragança, aos quarenta anos de vida lite-

rária do poeta, ficcionista, cronista, crítico, ensaísta, tradutor e professor universitário. A Assembleia Municipal de Mirandela e a Assembleia de Freguesia de Torre de Dona Chama aprovaram votos de reconhecimento e louvor pela sua já extensa obra, em volume desde 1973.

Vieira em sérvio

A investigadora do CLEPUL Doutora Anamarija Marinović foi a primeira tradutora a concluir a tradução da obra seleta do Padre António Vieira para a língua sérvia, no âmbito do Projeto Vieira Global.

A antologia intitula-se *Missão entre a Corte e a Selva: Obra seleta do Padre António Vieira (Misija između dvora i prašume: Izabrana dela Oca Antonija Vijeje)* e abrange partes dos *Sermões*, das *Vozes Saudozas*, da *História do Futuro* e da *Clavis Prophe-tarum*.

A obra seleta do Padre António Vieira participou no concurso Obras Capitais, organizado pelo Ministério de Cultura e Informação da República da Sérvia, destinado à publicação de obras de suma relevância e de grande interesse científico, cultural e académico, e recebeu um apoio financeiro para a edição.

A obra será editada pela editora sérvia Mediteran Publishing, da cidade de Novi Sad, que já colaborou com a tradutora num outro projeto, e mostrou interesse em eventuais publica-

ções mais extensas dos escritos do Padre António Vieira.

A antologia *Missão entre a Corte e a Selva* será apresentada oficialmente entre 25 e 31 de Outubro de 2015 na célebre Feira Internacional do Livro em Belgrado, uma das maiores feiras do livro na Europa.

Esperamos que este seja apenas o primeiro passo na divulgação da obra do padre António Vieira entre o público leitor sérvio e mais uma contribuição para a aproximação das duas culturas. **Anamarija Marinović**

Vieira na Antena 2

Entrevistas aos coordenadores dos volumes e outros responsáveis, no programa Última Edição, de Luís Caetano

Com Luís Machado de Abreu – 29 de Abril http://www.rtp.pt/play/p303/e193812/ultima-edicao	http://www.rtp.pt/play/p303/e195112/ultima-edicao	Com Guilherme d'Oliveira Martins – 5 de Junho http://www.rtp.pt/play/p303/e198278/ultima-edicao
Com Ricardo Ventura – 1 de Maio http://www.rtp.pt/play/p303/e193810/ultima-edicao	Com Paulo de Assunção – 15 de Maio http://www.rtp.pt/play/p303/e195497/ultima-edicao	Com Ana Leal de Faria – 10 de Junho http://www.rtp.pt/play/p303/e198286/ultima-edicao
Com Miguel Real – 6 de Maio http://www.rtp.pt/play/p303/e194563/ultima-edicao	Com Ernesto Rodrigues – 20 de Maio http://www.rtp.pt/play/p303/e195804/ultima-edicao	Com José Eduardo Franco e Pedro Calafate – 12 de Junho http://www.rtp.pt/play/p303/e198742/ultima-edicao
Com Joana Balsa de Pinho – 8 de Maio http://www.rtp.pt/play/p303/e194565/ultima-edicao	Com Porfírio Pinto – 22 de Maio http://www.rtp.pt/play/p303/e196191/ultima-edicao	Com Carlos Fiolhais – 19 de Junho http://www.rtp.pt/play/p303/e199138/ultima-edicao
Com Aida Lemos – 13 de Maio	Com Aida Lemos – 3 de Junho http://www.rtp.pt/play/p303/e198274/ultima-edicao	



Edição: Ernesto Rodrigues, Luís Pinheiro